

A PERSPECTIVA FILOSÓFICA DO CONCEITO DE LAZER NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Recebido em: 05/08/2007

Aceito em: 07/10/2007

*Vinicius Fernandes Gomes da Silva*¹
*Renato Farjalla*²

UNESA – Petrópolis - RJ/Anima-UFRJ
Rio de Janeiro-RJ, Brasil

RESUMO: O presente trabalho tem como tema o conceito de lazer observado por uma perspectiva filosófica, em relação ao contexto da Educação Física. Para tanto se objetiva realizar uma análise crítica, feita através de estudo teórico e pesquisa de campo, sobre a representação deste conceito feita pelos profissionais de Educação Física. As origens etimológica e filosófica, e os contextos sócio-culturais envolvidos nas ocasiões históricas que permearam a construção do termo lazer foram utilizados para a confecção do estudo teórico. A palavra lazer surgiu do verbo francês *loisir*, que por sua vez se origina na forma infinitiva latina de *licere*, que significa "o permitido". Diante da escassez de literatura específica abordando este aspecto e da possibilidade de se compreender a importância do lazer na formação pessoal e social, surge um questionamento sobre qual é a representação deste conceito pelos profissionais de Educação Física. A pesquisa foi realizada através de entrevistas com autores que versam sobre lazer e questionários semi-estruturados respondidos por profissionais de Educação Física. O estudo teórico realizado aponta para a possibilidade de observação do lazer por uma perspectiva filosófica, tendo em vista que aspectos inerentes a sua atual conceituação foram abordados no âmbito da Filosofia. Pretendeu-se realizar uma cartografia sobre a representação dos profissionais de Educação Física sobre o conceito de lazer. Para tal foi feita uma categorização no intuito de englobar respostas que apontavam para um mesmo sentido. Também foram feitas entrevistas com autores que versam sobre o tema lazer, a fim de obter dados sobre o atual estado da arte de forma mais ampla e profunda.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Filosofia. Educação Física.

THE PHILOSOPHICAL PERSPECTIVE OF THE CONCEPT OF LEISURE IN THE SCOPE OF THE PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT: The present work concerning the concept of leisure, take in account the philosophical perspective, in relation to the context of the Physical Education. For if in such a way objective carrying through a critical, done analysis through theoretical study and

¹ professor de Educação Física

² Professor da UNESA- Petrópolis-RJ/Anima.

research of field, on the representation of this concept made for the professionals of Physical Education. The etymological and philosophical origins and the involved partner-cultural contexts in the historical occasions that permeated the construction of the term leisure had been used for the confection of the theoretical study. The word leisure appeared of the French verb to loisir that in turn it originates in the Latin infinitive form of licere that means "the permit". Ahead of the scarcity of specific literature approaching this aspect and of the possibility of if understanding the importance of the leisure in the personal and social formation, a questioning appears on which is the representation of this concept for the professionals of Physical Education. The research was carried through through interview with persons who turn on leisure and half-structured questionnaires answered for professionals of Physical Education. The carried through theoretical study it points with respect to the possibility of comment of the leisure for a philosophical perspective, in view of that inherent aspects its current conceptualization had been boarded in the scope of the Philosophy. It was intended to carry through cartography on the representation of the professionals of Physical Education on the leisure concept. For such the categories in the intention of conglobated answers was made that pointed with respect to one same sensible one. Also interviews with authors had been made who turn on the subject leisure, in order to get given on the current state of the art of ampler and deep form.

KEYWORDS: Leisure. Philosophy. Physical Education.

Introdução

O objeto de estudo deste trabalho será a origem filosófica do conceito de lazer em relação ao contexto da Educação Física. Para tal, pretende-se fazer uma análise sobre a filosofia, o lazer sob uma perspectiva filosófica e sobre como esse tema é observado pelos profissionais de Educação Física atuantes na área do lazer.

Segundo Chauí (2006), a filosofia (do grego *Φιλοσοφία*: *philia* - amor, amizade + *sophia* - sabedoria) atualmente se apresenta como uma disciplina ou área de estudos que envolve a investigação, a discussão, a formação e reflexão de idéias (ou visões de mundo) em uma situação geral, abstrata ou fundamental. De acordo com Marcondes (2004), seu surgimento se deu na Grécia antiga, por volta do séc. VI a.C., com Tales de Mileto sendo considerado como o primeiro filósofo.

O surgimento do pensamento filosófico-científico ocorreu devido a uma mudança de papel do pensamento mítico e foi proveniente de um longo período de transição e transformação da sociedade grega (ARANHA; MARTINS, 2002). Nos assinala Marcondes (2004) que o pensamento filosófico-científico apresenta como uma de suas noções fundamentais o caráter crítico, que vê as teorias formuladas não de forma dogmática, mas sim como assuntos passíveis de discussão, permitindo formulações e propostas alternativas, opondo-se ao pensamento mítico, que é uma forma, advinda de tradição cultural e folclórica, pela qual um povo explica aspectos essenciais da sua realidade e que constitui explicação do real pelo sobrenatural, pelo mistério. E por ser parte de uma tradição cultural acaba por configurar a própria visão de mundo dos indivíduos, pressupondo aceitação e adesão destes, sendo assim, o mito não se presta a questionamentos, críticas ou correções .

A análise da origem etimológicas e filosóficas, observando os contextos sócio-culturais envolvidos em cada ocasião histórica na quais a discussão do lazer está envolvida, foi utilizada, no presente trabalho, para abordar a questão do lazer no contexto da Educação Física.

Verificando a etimologia, segundo Vaz (2003) a palavra lazer surgiu do verbo francês *loisir*, que por sua vez se origina na forma infinitiva latina de *licere*, que significa "o permitido". Um outro caminho para se buscar o sentido etimológico da palavra lazer, segundo Maffei Junior (2004), é observar que, entre os gregos e os romanos, a noção de lazer se origina de *scholé*, palavra grega utilizada para designar o tempo ocupado por atividades ideais e nobres para o ser (como a contemplação teórica, a especulação filosófica e o ócio), sendo que o sentido atual de lazer provém da noção romana de *otium* (ócio).

Nos dias atuais, a concepção mais difundida de lazer é a que Dumazedier (1999) propõe, dizendo que o lazer diz respeito a um conjunto de ocupações às quais o indivíduo

entrega-se de vontade espontânea, depois de se ter livrado das responsabilidades profissionais, familiares e sociais.

Notadamente a evolução deste termo, levando em conta as variáveis culturais e psicológicas, demonstra a importância de seu estudo, pois como nos assinala Dumazedier (1999), se na Grécia antiga o termo que originou a palavra lazer tinha o sentido de aproveitamento do tempo livre para o desenvolvimento pessoal e social, deve-se levar em conta que essa sociedade tinha seu modelo pautado no trabalho escravo, dando à classe dominante a oportunidade de usar seu tempo como bem entendesse, enquanto atualmente, segundo Camargo (1999), o lazer tem como condição de existência o tempo livre, noção fundamentada na organização industrial da sociedade moderna.

Ante a escassez de literatura abordando este aspecto, pretende-se abordar a evolução do conceito de lazer sob uma perspectiva filosófica, considerando sua origem etimológica; as variáveis sócio-culturais que permearam tal evolução e observar como aspectos relacionados à atual noção de lazer foram tratados pela Filosofia. Também se objetiva realizar uma pesquisa de campo no intuito de elaborar uma análise cartográfica sobre a representação do lazer entre os profissionais de Educação Física, suas correlações com o contexto sócio-econômico, seus possíveis valores filosóficos e sua influência na construção da subjetividade do indivíduo, além da realização de entrevista com especialistas sobre o tema lazer, no intuito de ilustrar os seus pareceres sobre este tema.

Fundamentação Teórica

Segundo Chauí (2006), a palavra "filosofia" (do grego *φιλοσοφία*) tem sua origem etimológica na união de outras duas palavras: "philia" (*φιλία*), que significa "amizade", "amor fraterno" (não no sentido erótico) e respeito entre os iguais e "sophia" (*σοφία*), que

significa "sabedoria", "conhecimento". Da palavra "sophia" provém a palavra "sophos" (σοφός), que significa "sábio", "instruído". A partir disto percebe-se que filosofia significa a amizade pela sabedoria, o amor e respeito pelo saber, indicando que o "filósofo" seria aquele que ama e busca a sabedoria, tem amizade pelo saber e o deseja indicando um estado de espírito daquele que deseja o conhecimento, o estima, o procura e o respeita. Ainda assinalando Chauí (2006), diz a tradição que o filósofo Pitágoras de Samos (que viveu no século V antes de Cristo) criou a palavra.

Devido à abordagem da questão do pensamento filosófico, entender como este se estruturou se torna imprescindível para a sua compreensão.

Assinala Marcondes (2004) que os primeiros pensadores deixaram, como principal contribuição para o pensamento filosófico-científico, um conjunto de noções que buscam explicar a realidade. Devido ao próprio momento de surgimento essas noções se mostram um tanto imprecisas, porém pode-se dizer que através delas a filosofia e a ciência tem o seu início em nossa tradição cultural. De certa forma essas noções são o ponto de partida de uma visão de mundo que, mesmo com as profundas transformações ocorridas, permanece, ainda hoje, em nossa maneira de compreender a realidade.

As Noções Fundamentais do Pensamento Filosófico

Segundo Marcondes (2004), são seis as noções fundamentais do pensamento filosófico. A primeira dessas noções é a *physis*, que diz respeito à natureza. O objeto de investigação dos primeiros filósofos-cientistas é o mundo natural, o que faz com que suas teorias busquem uma explicação causal dos processos e fenômenos naturais a partir de causas naturais, onde a compreensão da realidade natural encontra-se nesta própria realidade e não fora dela.

A *causalidade* se apresenta como outra noção fundamental do pensamento filosófico, pois com ela os primeiros filósofos atribuem uma relação de causa e efeito para a explicação dos fenômenos naturais. A conexão causal entre determinados fenômenos naturais constitui a forma básica da explicação científica, sendo, por este motivo, consideradas as primeiras tentativas de elaboração de teorias sobre o real como o marco inicial do pensamento científico. É importante ressaltar que o nexos causal deve-se dar entre fenômenos naturais, pois do contrário o pensamento mítico também estabeleceria explicações causais. Com isso percebe-se que a explicação causal tem caráter regressivo, com cada fenômeno sendo tomado como efeito de um fenômeno anterior, porém isso invalidaria o próprio sentido da explicação, pois levaria ao inexplicável, sendo daí que se torna necessário o estabelecimento de uma causa primeira que sirva de ponto de partida para as demais.

Para evitar que a explicação causal regredisse ao infinito levando ao inexplicável, os primeiros filósofos postulavam a existência de um elemento primordial, que venha a servir de ponto de partida para todo o processo, que foi chamado de *arqué*.

O termo *kosmos* denota diretamente a idéia de ordem, harmonia e até mesmo beleza, sendo assim o cosmos é o mundo natural e o espaço celeste, enquanto realidade ordenada de acordo com princípios racionais, sendo a sua idéia básica que há uma ordenação racional, hierárquica, onde certos elementos são mais básicos, tendo a causalidade como lei principal, o que caracteriza a noção de *cosmo*. A noção de *logos* aparece como a racionalidade desse cosmo e como explicação racional, já que esse termo significa literalmente discurso, e enquanto discurso difere-se de *mythos*, que é a narrativa de caráter poético e fantasioso, sendo o *logos*, fundamentalmente uma explicação racional.

Segundo Marcondes (2004) a noção do caráter crítico consiste, basicamente, em que as idéias formuladas não sejam aceitas de forma dogmática, como sendo verdades absolutas e imutáveis, mas sim como passíveis de discussões, suscitando divergências, permitindo novas formulações, pois como se tratam da construção do pensamento humano, as idéias de um filósofo estão sempre abertas a discussões, reformulações e correções.

Esta última noção, o caráter crítico, merece destaque por dar a oportunidade do desenvolvimento da construção do pensamento humano, devido à sua característica da justificativa, da explicação e da fundamentação de propostas divergentes, e também de ser passível de novas críticas.

Para compreender o lazer de forma filosófica e científica buscou-se remontar a origem etimológica desta palavra, bem como observar suas noções e definições iniciais e a evolução histórica do conceito, juntamente com os contextos sócio-culturais que permearam esta evolução.

Etimologia

Segundo Vaz (2003) a palavra *lazer* surgiu do verbo francês *loisir*, que por sua vez tem sua origem na forma infinitiva latina de *licere*, que significa "o permitido". De acordo com Maffei Junior (2004) o francês *loisir* origina a expressão inglesa *leisure*, que, tecnicamente, é utilizada para designar tempo livre, sendo que um outro caminho para se buscar o sentido etimológico da palavra lazer é observar que, entre os gregos e os romanos, a noção de lazer se origina de *scholé*, palavra grega utilizada para designar o tempo ocupado por atividades ideais e nobres para o ser (como a contemplação teórica, a especulação filosófica e o ócio), sendo que o sentido atual de lazer provém da noção romana de *otium* (ócio).

Três tendências podem ser apontadas para a análise etimológica da palavra lazer, sendo que, para a primeira, o que caracteriza o lazer é a idéia de permissão para atuar, onde o lazer seria apontado como um conjunto de atividades onde proibições, restrições, censuras e repressão são ausentes.

A segunda tendência aponta a ausência de impedimentos de ordem temporal no lazer, o que nos remete à idéia de lazer como um tempo livre, sem restrições ou compromissos.

Já a terceira tendência vê no sentido etimológico de lazer uma noção de qualidade de ordem subjetiva, onde o lazer seria constituído por atividades livremente escolhidas, ou seja, autônomas e agradáveis e com benefícios físicos e psicológicos (JIMENEZ GUZMAN, 1986 *apud* MAFFEI JUNIOR, 2004).

As duas últimas tendências corroboram com uma das definições de lazer mais difundidas e aceitas atualmente, que foi a dada por Joffre Dumazedier (1999), onde ele define lazer como sendo um conjunto de ocupações às quais o indivíduo entrega-se de vontade espontânea, depois de se ter livrado das responsabilidades profissionais, familiares e sociais.

Na discussão das possíveis relações entre o lazer e a filosofia, se faz pertinente uma abordagem sobre como esta abordou as discussões sobre o descanso, o desenvolvimento e o divertimento, que são atualmente classificados, segundo Camargo (2006) como as três categorias do lazer.

O Lazer na História da Filosofia

Segundo Aristóteles³ (1996), a felicidade é o objetivo final da vida humana, incluindo-a na categoria de atividade desejável em si, pois nada lhe falta, sendo, então, auto-suficiente, apontando ainda que esta dependeria do lazer⁴. Nas atividades desejáveis em si nada se busca além do exercício da própria atividade, tornando-as ações conforme a excelência moral, pois estas são caracterizadas por atos nobilitantes e bons, e estes, por sua vez, são desejáveis em si. Esta felicidade, além de ser uma ação conforme a excelência moral, será uma atividade perfeita a partir do momento que for conforme a excelência pertinente à melhor parte de cada um. Assim, esta será a atividade contemplativa, que é intelectual.

A atividade contemplativa é vista como superior em termos de importância de seu mérito, não visando outro objetivo além de si mesma e tem o prazer que lhe é inerente.

Com isso percebe-se que Aristóteles (1996) já discutia e analisava a questão das atividades prazerosas, praticadas em tempo que não o de trabalho, e que tinham o prazer inerente a elas mesmas, características que, segundo Dumazedier (1999), são observadas na atual noção de lazer.

De acordo com Tomás de Aquino (*apud* DUFLO, 1999), ao jogo pode ser atribuída uma dupla positividade. Uma delas consiste em que o jogo se mostra como um repouso espiritual, que pertence ao domínio do repouso necessário às atividades intelectuais, às quais não se pode entregar-se continuamente sem se sentir uma fadiga proporcional à dificuldade das tarefas, sendo que do mesmo modo que o repouso material destrói a fadiga

³ “Ética a Nicômaco”, obra originalmente publicada por volta de 350 a.C., traduzida na obra intitulada “Os pensadores”, 1996.

⁴ Aristóteles (1996) afirma que essa felicidade depende do lazer, porém acredita-se que a palavra lazer tenha sido usada por uma questão de tradução, já que foi mencionado anteriormente que seu surgimento se deu a partir do vocábulo francês *loisir*. Diante disto, para um melhor entendimento, além de evitar possíveis confusões acerca do uso e do surgimento do termo, assume-se no presente estudo que a idéia pretendida por Aristóteles (1996) seria a de ócio, pois, inclusive, o autor faz uma analogia dizendo que se trabalha para ter lazer (ou ócio) como se faz guerra para obter paz.

do corpo a fadiga do espírito deve ser combatida com o repouso espiritual. O outro aspecto diz respeito à capacidade do jogo em desenvolver o bom humor, que seria uma virtude necessária em sociedade.

Porém, segundo Duflo (1999) essa dupla positividade está sujeita à condição do comedimento, sendo que o jogo é visto como um repouso necessário, mas que só é justificável como repouso, sendo ainda considerado uma necessidade do tipo inferior ligada apenas a finitude e a carnalidade, como comer ou dormir.

Assim, percebe-se que Tomás de Aquino trata o jogo sob a perspectiva de sua relação com uma atividade laboriosa que impõe cansaço mental, estabelecendo uma relação entre trabalho e atividades praticadas no tempo livre, que é um dos aspectos abordados nos atuais estudos sobre o lazer, como ressalta Marcellino (1996).

De acordo com Duflo (1999), Schiller elabora toda uma teoria sobre o jogo, que veio a marcar a própria história da noção sobre este, na Filosofia e além dela. No jogo o homem é totalmente homem, pois não está sobre coerção, onde Schiller se resume dizendo que: *“O homem não joga senão quando na plena aceção da palavra ele é homem, e não é totalmente homem senão quando joga.”*

Segundo Koogan, Houaiss (1994), se entende jogo como:

Ação de jogar; folguedo, brinco, divertimento. O que serve para jogar: comprar um jogo de damas. Exercício ou divertimento sujeito a certas regras: jogo de futebol. Passatempo em que se arrisca dinheiro: uma dívida de jogo. Divertimento público composto de exercícios esportivos: os Jogos Olímpicos.

Deste modo, de acordo com um significado proposto para o termo jogo, pode-se enquadrá-lo como uma atividade que se caracteriza como pertencente de uma das três categorias do lazer assinaladas por Camargo (2006): o divertimento. Com isso, contextualiza-se o jogo dentro da discussão sobre o lazer.

Schiller (*apud* DUFLO, 1999) formula uma teoria sobre o tema jogo na Filosofia, apresentando como noção de jogo atividades nas quais o homem tem a possibilidade de uma ação equilibrada de forças físicas e espirituais, fazendo com este seja concebido como uma totalidade. São apresentados como exemplos de jogo a ação livre dos membros de um atleta, os Jogos de Olímpia, na Grécia, entre outros.

Em sua teoria sobre o jogo, Schiller (*apud* DUFLO, 1999), busca no pensamento kantiano um tema fundamental, que é o da divisão do homem entre a razão e a sensibilidade. A análise se inicia em uma antropologia do ponto de vista pragmático, que analiticamente leva a uma antropologia pura, onde vai buscar o fundamento dessa divisão e a possível solução do problema por ela levantado.

Através da antropologia pragmática, se observa que o homem é primeiramente um ser da natureza, pois esta, inicialmente, o produz e vela por seus primeiros dias. Sendo assim, o que primeiro aparece no homem, do ponto de vista cronológico, é o homem natural ou homem físico, que se assujeita às necessidades naturais, é centrado em si mesmo, egoísta e violento. Porém o homem é homem porque, ao contrário de outras criaturas, está em condições de não se limitar a esse assujeitamento à necessidade natural, pois pode negá-la (ao menos pela mente) e, sobretudo, transformá-la profundamente em seu sentido. Isto faz dele livre, ou seja, autônomo, significando que deve ter por princípio a lei que estabeleceu para si próprio. Diante disto, o homem é solicitado por uma dupla legislação, a da natureza e a da razão.

Internamente dividido, o homem é marcado por um duplo apego, que toma a forma de uma oposição estéril e sem fim, pois se uma dessas legislações esmagasse a outra até que desaparecesse, seria o homem que desaparecia. O problema antropológico, que formulado desta forma seria insolúvel numa primeira aparência, consiste em encontrar um

terceiro caráter que concilie os dois, se apresentando como testemunho sensível da moralidade não sensível. O desafio proposto não se encerra na esfera teórica, é também ético e político, pois para acabar com a oposição do homem consigo mesmo e realizar no Estado uma mudança que possa fazê-lo passar da arbitrariedade à racionalidade sem afetar a existência sensível dos indivíduos, deve ser encontrado um homem que possua um caráter “total”.

Através de uma análise da antropologia pura, depara-se com um duplo paradoxo, sendo o primeiro que essa divisão cuja origem é colocada na essência do homem tem como fenômeno uma história. Então se poderia dizer que de um lado a divisão antropológica não é fatal, pois a sociedade grega mostrou que o homem total é possível, por outro lado essa mesma divisão é fatal, já que presente na própria essência do homem. O outro paradoxo diz respeito ao radicalismo que pretende encontrar uma unidade, remontando, para isso, ao conceito puro de humanidade. Porém esta abordagem só acentua a divisão, pois se ancora no ser do homem, que por sua vez apresenta a divisão em sua essência.

Nos dois casos a conciliação de duas asserções aparentemente contraditórias se concretiza com a adoção da noção de tendências (*Triebe*). Quando expressa nos termos de uma antropologia pura, essa divisão se apresenta sob a forma de distinção entre a pessoa e o estado, entre o eu e suas determinações. Com isso entram em oposição à permanência da pessoa e as mudanças do estado, a existência absoluta de uma e a existência da outra no tempo, com um lado insistindo sobre a liberdade e o outro sobre a passividade. Dessa oposição inerente à natureza ao mesmo tempo sensível e sensata do homem vão decorrer duas exigências contrárias, onde, na primeira o homem tende à realidade absoluta, devendo transformar em mundo tudo o que é forma e exteriorizar as suas virtualidades, e na

segunda, tende à forma absoluta, devendo exteriorizar tudo o que é interior e formalizar tudo o que é exterior.

Com isso, nos assinala Schiller (*apud* DUFLO, 1999), que essas exigências se apresentam no homem em forma de contradição interna da humanidade, que se expressa em termos de tendências. Estas serão duas: a tendência sensível (*Sinnliche Trieb*) e a tendência formal (*Formtrieb*). Essas tendências podem ser comparadas a energias, sendo esse o seu caráter dinâmico. A tendência sensível quer as intuições, a mudança, enquanto a tendência formal quer a eternidade, a verdade e a justiça. As duas tendências produzem movimentos aparentemente opostos, embora esta oposição seja atenuada pelo fato de cada um desses movimentos terem um domínio próprio, e delas esgotarem sozinhas a totalidade do campo humano.

O conflito entre as tendências ocorre se uma delas ultrapassar seu domínio legítimo, como, por exemplo, quando a tendência sensível requer uma mudança no domínio atemporal dos princípios. A delimitação das tendências em seus domínios é assegurada pela cultura. Mesmo que condições harmoniosas (difíceis de conseguir) evitem o conflito interno do homem, há no ser humano uma verdadeira divisão que parece tornar impossível à constituição do homem total, que deveria ser o objetivo final da humanidade, pois se a tendência sensível dominar a formal, obtêm-se o homem selvagem, passional e bárbaro, enquanto se a tendência formal dominar a sensível obtêm-se o homem moral, procurando verdade e justiça, mas que ao negar uma parte igualmente importante de si mesmo viverá se vexando, numa uniformidade formal distante da plenitude harmoniosa. Por outro lado, com uma separação correta dos domínios o homem não deixaria de estar cindido, frente a sua consciência humana, em duas tendências não convergentes.

O meio para se acabar com essa divisão é a relação de tendências, sem a dominação unilateral de uma sobre a outra, mas sim recíproca, tomando a forma de uma terceira tendência, que seria o fruto da ação combinada das duas tendências. Essa é chamada tendência ao jogo (*Spieltrieb*).

A reciprocidade de subordinação das duas tendências se apresentaria como a solução do problema da divisão antropológica, pois permitiria a realização do homem “total” pretendido. A tendência ao jogo exercerá sobre a alma uma coerção moral e física, e suprimindo a contingência suprimiria também toda a coerção, dando ao homem a liberdade, tanto física quanto moralmente. Assim, na medida em que tira dos sentimentos e paixões a influência e o poder dinâmico, estes entrarão em acordo com a razão, enquanto que tirando das leis da razão a coerção moral, promoverá a reconciliação desta com o interesse dos sentidos. Com isso cria-se um ser humano total, livre em sua sensibilidade e sensível em sua liberdade.

O jogo é, aqui, considerado como vetor de harmonia, portanto de beleza e equilíbrio para o físico e o espiritual do homem. Sua noção serve para dar a idéia de uma ação equilibrada das forças umas com as outras, sendo isso possível porque o homem que joga é então unicamente concebido como totalidade, e não como soma de elementos separados, tratados especificamente por diferentes disciplinas. Porém, o jogo não é tido somente como princípio de unidade, pois mostra também uma capacidade de estabelecer uma legalidade no sensível e no passional que não seja percebida com estranheza, mas sim como uma escolha livre, exaltando a vida. O jogo é um ponto de interseção de duas séries de oposições, onde não há intercambialidade, mas o encontro de todos os termos. O jogo, então, é onde o homem é mais completo.

Percebe-se que dentro da história da Filosofia questões como descanso, divertimento e desenvolvimento foram pensadas. Diante disto acredita-se que, já que o lazer apresenta como suas categorias estes mesmos termos, ele se apresenta como uma noção que merece ser tratada filosoficamente.

Para pensar o lazer e remontar a evolução de seu conceito é necessário observar a questão do trabalho, já que lazer sempre aparece vinculado, de uma forma ou de outra, ao trabalho, pois segundo Marcellino (1996) o tempo de lazer não se opõe, mas sim se relaciona com o tempo das obrigações, entre elas, principalmente as profissionais, ou seja, o trabalho.

O Lazer e o Trabalho

Segundo Camargo (1998), a palavra trabalho nasceu do termo latino *tripalium*, que se referia a um instrumento de tortura, sendo que, na sociedade greco-romana, onde existia escravidão, uma minoria rica não trabalhava, vivendo apenas para o seu desenvolvimento pessoal, o que fazia com que o trabalho fosse considerado por eles como uma tortura, advindo daí a utilização deste termo. Assinala Maffei Junior (2004) que a ociosidade nesta civilização era associada à idéia de cidadão livre, homem completo, pois ocupava o tempo consigo mesmo e com suas atividades físicas, artísticas e intelectuais, ficando o trabalho a cargo dos escravos, que não eram considerados humanos.

Para a civilização romana, que dominou o mundo nos primeiros séculos, o trabalho não era considerado como um mal, porém os romanos, ao contrário dos gregos, não usavam o seu tempo livre para a contemplação e sim para a recuperação e preparação do corpo para a volta ao trabalho, tendo em vista serem ativos guerreiros (REQUIXA, 1977 *apud* MAFFEI JUNIOR, 2004). Contudo uma separação entre povo e elite ainda se fazia

presente, pois as diversões populares, consideradas vulgares e alienadas, eram desprezadas pela elite intelectualizada (MAFFEI JUNIOR, 2004).

Segundo Maffei Junior (2004), na Idade Média, devido à grande influência da religião apresentando a concepção de pecado, as pessoas deviam trabalhar muito, pois o ócio era considerado pecado. Camargo (2006) chega a apontar como hipótese a idéia de que o monoteísmo sempre olhou para o lúdico, tanto o da vida cotidiana como o que ilustrava os ritos politeístas, com suspeição, como se, ao definir um único Deus, a mente humana elegeesse o outro lado, nesse caso o politeísmo e o seu caráter lúdico, como o espírito do mal, o que levou as categorias “*faber*” e “*ludens*” a se colocarem em posições polares, como se Deus fosse amante do trabalho e o Diabo amante do lúdico.

De acordo com Melo e Alves Junior (2003), atribui-se o aparecimento do lazer ao surgimento da Revolução Industrial (modelo de produção fabril e organização do trabalho em fábricas), no final do século XVIII, pois a vida dos trabalhadores passou a ser comandada pela jornada de trabalho, e o tempo de “não trabalho” também passou a ser mais controlado e pensado.

Segundo De Masi (2000), nos dias atuais o trabalho perdeu o papel central que ocupou nos últimos dois séculos, o que implica em, ao lado da atual educação profissional dos jovens, ser colocado um outro tipo de educação, igualmente séria, visando as atividades lúdicas e culturais, onde da mesma forma em que se aprende uma profissão específica e suas atribuições, também se aprende a ser um cidadão, um pai ou um turista.

Porém, independentemente das diferentes interpretações possíveis para a palavra lazer, o mais importante a ser observado é em qual modelo de organização social estas interpretações estão sendo feitas, pois este modelo determina suas funções e características, conforme o sistema de aspirações, necessidades e valores vigentes nesses momentos e

válidas para toda a organização (JIMENEZ GUZMAN, 1986 *apud* MAFFEI JUNIOR, 2004), e, hoje em dia, o lazer apresenta as características da sociedade atual (MAFFEI JUNIOR, 2004).

Em uma reflexão sobre o lazer, além das considerações a serem feitas sobre a etimologia e o conceito de acordo com os contextos históricos, faz-se necessária uma abordagem sobre as suas três categorias: descanso, divertimento e desenvolvimento, já citadas acima, assim como uma análise de como esses conceitos se articulavam na antiguidade, como se articulam nos dias atuais e como o lazer se apresenta em face de esse contexto.

As Três Categorias do Lazer

De acordo com Camargo (2006) os termos descanso, divertimento e desenvolvimento são ambíguos, e, além disso, não se ajustam entre si, com exceção do ocorrido na civilização grega, onde essas categorias foram percebidas harmonicamente, sofrendo diferenciação e se opondo no decorrer dos tempos, sobretudo com o advento da revolução industrial. A civilização greco-romana resolveu a questão da ambigüidade dos termos de forma original, especialmente os gregos, que negaram o trabalho, chegando a proibi-lo aos seus cidadãos, e sistematizaram as três categorias num termo único, o *scholé*, já citado anteriormente, onde essas categorias se ajustavam perfeitamente. Para os gregos o descanso não tinha nada a ver com a recuperação física, salvo nos casos em que se tratava de uma pausa depois de caminhada lúdica, que objetivava vislumbrar o caminho percorrido, e nesse sentido se casava bem com o divertimento, que por sua vez não era considerado como qualquer forma vulgar de usar o tempo, antes, era visto como um ideal para o ser humano e para civilização.

A *paidia* (vivência lúdica) era condição da *paidéia* (educação/cultura) que se dava na *scholé* (tempo/espaço da educação), sendo o desenvolvimento, enquanto significado etimológico (des-envolver, des-enrolar) parte da *paidéia*, e um ideal do homem grego civilizado (CAMARGO, 2006).

A título de definição o processo educativo pode ser tido, segundo Piletti (2003), como um processo que existe e se dá de maneira diferente e particular, dependendo da sociedade, do país onde está se desenvolve, pois essas diferentes sociedades têm valores e realidades diferentes e com isso uma concepção diferente de educação.

O lazer, segundo Camargo (1999), não é impermeável às ações educativas, pois nele pode-se exercitar equilibradamente a participação social lúdica, processo que se denomina educação não-formal ou animação sócio-cultural, que visa mostrar que a participação em atividades voluntárias, desinteressadas, prazerosas e liberatórias pode ofertar uma vida cultural intensa, diversificada e equilibrada com as obrigações profissionais. Com isso percebe-se a educação para o lazer ou através do lazer.

Para complementar a abordagem feita acima é interessante observar a questão da animação sócio-cultural segundo os mais recentes estudos. Sendo assim, de acordo com Melo (2006), a animação cultural tem nos dias atuais uma conceituação mais específica, devido ao fato de estar sendo mais amplamente estudada, portanto esta pode ser definida como uma tecnologia educacional, uma proposta de intervenção pedagógica, pautada na idéia radical de mediação, que jamais pode ser tomada como imposição, que busca contribuir para permitir maior compreensão sobre os sentidos e significados culturais (considerando as tensões que nesse âmbito se estabelecem) que concedem concretude a nossa existência cotidiana, feita a partir do princípio de estímulo às organizações comunitárias (que pressupõe a idéia de indivíduos fortes para que tenhamos realmente uma

construção democrática), sempre tendo em vista provocar questionamentos acerca da ordem social estabelecida e contribuir para a superação do *status quo* e para a construção de uma sociedade mais justa.

Assim, nos assinala Camargo (1999), que se pode pensar o lazer como um modelo cultural que interfere no desenvolvimento pessoal dos indivíduos e tem as suas atividades repousadas numa dinâmica social complexa, onde as discussões suscitadas nos pontos de encontro de amigos, nas “peladas” de rua, etc, consistem numa educação informal, e nesse sentido o lazer se apresenta como um tempo de anarquia cultural, onde as pessoas assimilam, digerem ou expelem, seguindo motivações próprias, as normas, prescrições ou até sugestões das instituições de base da sociedade, que seriam o trabalho, a família, a religião, ainda expressando atitudes autoritárias.

Porém, a partir do momento que tange o aspecto da educação, a discussão precisa abordar a questão da educação para e pelo lazer, já citados anteriormente.

Educação Pelo Lazer e Para o Lazer

Educação pelo Lazer

A importância do lazer no desenvolvimento pessoal e social das pessoas se demonstra na busca da realização pessoal em atividades que se encontram, preponderantemente, no tempo livre, e não no tempo de trabalho, evidenciando que aquele se apresenta como campo fértil para esta realização pessoal, que pode ser encontrada ao assistir um filme, uma peça de teatro, em uma viagem, etc. Com isso percebe-se a atenção que devem ter os educadores para que a oposição entre lazer e trabalho não seja uma fonte de desajuste do indivíduo consigo mesmo e com a sociedade (CAMARGO, 1999).

Educação para o Lazer

A educação para o lazer consiste em estimular a produção cultural, mesmo que essa seja apenas diletante. Consumir as obras prontas, como, peças de teatro, filmes e livros é, sim, bom e desejável, desde que não iniba a capacidade própria de produzir ou criticar. Existem pedagogias renovadas no lazer que buscam, simultaneamente, introduzir a prática criativa despretensiosa (inseridas nas necessidades lúdicas do cotidiano) e aprimorar a apreciação crítica das obras dos gênios (CAMARGO, 1999).

A própria educação é vista pela sociedade como um valor e a Educação Física faz parte da educação, sendo componente ativo do desenvolvimento dos alunos e o lazer, dentro da Educação Física, é um instrumento para propiciar este desenvolvimento (MAFFEI JUNIOR, 2004).

É importante ser observado que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) apontam a importância de se educar para o lazer (BRASIL, MEC, 1996), apesar de não indicarem como fazer isso. Diante disso deve-se atentar para qual formação os professores de Educação Física estão recebendo em relação ao lazer, tendo em vista que esses conhecimentos são trabalhados de forma rápida e superficial, diante da pouca abertura que têm, em relação à carga horária, número de disciplinas específicas e abordagem dentro de outras disciplinas do currículo (ISAYAMA, 2002 *apud* MAFFEI JUNIOR, 2004).

Sendo assim, fica nítida a importância de uma análise relativa à abordagem filosófica do lazer. Esta considera a forma como aspectos que se relacionam com a atual

noção deste termo foram tratados na história da filosofia, além da origem etimológica da palavra, bem como os contextos históricos nos quais a evolução do termo lazer se deu.

Tendo em vista a escassez de literatura abordando este aspecto, pretende-se abordar a evolução do conceito de lazer sob uma perspectiva filosófica, considerando sua origem etimológica, as variáveis sócio-culturais que permearam tal evolução e como aspectos relacionados à atual noção de lazer foram tratados pela Filosofia.

Outro objetivo visado foi à realização de uma pesquisa de campo onde se pretendeu a elaboração de uma análise cartográfica sobre como os profissionais de Educação Física representam:

1. O conceito de lazer;
2. A correlação entre o lazer e o contexto sócio-econômico;
3. Os possíveis valores filosóficos agregados ao lazer;
4. A possível influência do lazer na construção da subjetividade do indivíduo.

O trabalho objetivou também a realização de entrevista com especialistas sobre o tema lazer, no intuito de ilustrar os seus pareceres sobre este tema.

O presente trabalho justifica-se no fato de que existe uma escassez de estudos sobre o tema do lazer com fundamentação teórica de natureza filosófica, que possam servir de norte para o estabelecimento de parâmetros que venham a balizar as atuações e intervenções dos profissionais de Educação Física que trabalham na área de lazer.

Há a possibilidade de tratar e trabalhar o lazer de modo que ele permita o desenvolvimento da formação pessoal e social dos indivíduos. Desta forma, pretende-se suscitar debates teóricos no sentido de iniciar uma reflexão acerca das possibilidades da Educação Física compreender o lazer de modo que ele permita o entretenimento e a formação, tanto pessoal quanto social dos indivíduos.

O embate teórico sobre o lazer não se concretiza através de publicações, não permitindo análises criteriosas sobre a produção dos autores da área (WERNECK, MELO, 2006). Diante disto, percebe-se que existe uma escassez de estudos que abordem o lazer através de um enfoque filosófico.

A população foi constituída pelos profissionais de Educação Física. A amostra foi constituída por 20 profissionais de Educação Física que trabalham nas cidades de Teresópolis e Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro.

Instrumento de Coleta de Dados

Os dados foram coletados através de entrevistas com autores que estudam o lazer e questionários semi-estruturados para profissionais de Educação Física.

Os questionários foram respondidos pelos sujeitos da pesquisa mediante a assinatura de Termo de consentimento livre e esclarecido, em duas vias, ficando uma em poder de cada participante, de acordo com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Os dois autores entrevistados afirmaram que a sua adesão, bem como o consentimento para a utilização de seus pareceres, se deu com a resposta à entrevista que lhes foi enviada através de e-mail, apesar do Termo de consentimento livre e esclarecido ter sido enviado juntamente com a entrevista, no mesmo e-mail.

Os dados foram coletados, no caso dos questionários, junto a 20 profissionais de Educação Física nas cidades de Teresópolis e Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro.

As entrevistas foram feitas aos autores Victor A. Melo e Luiz Octávio de Lima Camargo, sendo que o contato foi feito via e-mail.

Utilizou-se a construção de categorias para a análise dos dados coletas através dos questionários aplicados aos profissionais de Educação Física. Tal construção foi feita com o agrupamento de respostas que apontavam para um mesmo sentido, sendo que aquelas

denominadas “outros” englobam apontamentos variados, que não se enquadraram nas categorias criadas e nem apresentaram número significativo para a criação de uma nova categoria.

Somente as respostas afirmativas foram consideradas para a categorização, já que as respostas negativas não careciam de justificativas ou comentários por parte dos participantes da pesquisa. Além disso, o percentual que se encontra ao lado dos números que indicam a quantidade de respostas para cada categoria está calculado em relação à quantidade de respostas “sim”, com o intuito de alcançar uma análise mais específica no que tange a relação entre o total de respostas afirmativas e o seu percentual em cada categoria. Os percentuais contidos nas células superiores do canto direito das tabelas estão calculados em relação ao número total de participantes da pesquisa.

As informações dadas pelos autores não serão incluídas na análise dos dados diante do fato de terem sido obtidas através de entrevista aberta, tendo assim um aspecto mais amplo e profundo no tocante à sua especificidade. Com isso, elas serão abordadas nas considerações finais do presente trabalho e as entrevistas anexadas ao seu final.

Na questão 1 - O Sr. (a) conhece a origem etimológica do termo lazer? - 30% dos 20 profissionais de Educação Física responderam que sim, sendo que destes, 50% se enquadraram na categoria A e os 50% restantes na categoria B.

CATEGORIAS		NÚMERO DE RESPOSTAS 6 (30%)
A	Licere; permissão; surgiu com a revolução industrial.	3 (50%)
B	Outros	3 (50%)

Na questão 2 - O Senhor (a) conhece o conceito de lazer? -, 75% responderam que sim. Destas, foram enquadradas na categoria A 64,7% das respostas, na categoria B 29,4% e na categoria C 5,88%.

CATEGORIAS		NÚMERO DE RESPOSTAS 17 (75%)
A	Atividades: prazerosas; autônomas; sem impedimentos de ordem temporal; que proporcionem descanso; entretenimento; relacionadas à qualidade de vida e a harmonia.	11 (64,7%)
B	Ocupação do tempo livre (sem obrigações profissionais, familiares ou sociais) com prazer. Atividades fora da rotina do trabalho	5 (29,4%)
C	Outros	1 (5,88%)

Na questão 3 - O Sr.(a) acredita que o lazer oferece possibilidades de desenvolvimento cultural, educacional, social e pessoal? – 100% responderam que sim. Destas, 75% das respostas foram enquadradas na categoria A, 20% na categoria B e 5% na categoria C.

CATEGORIAS		NÚMERO DE RESPOSTAS 20 (100%)
A	Através de atividades culturais, com divertimento e prazer, ou que proporcionem harmonia e equilíbrio entre as dimensões do homem.	15 (75%)
B	Através de projetos sociais, políticas públicas e atividades dirigidas.	4 (20%)
C	Reestruturação frente ao estresse profissional e cotidiano	1 (5%)

Na questão 4 - Acredita que o contexto sócio-econômico pode influenciar a forma do lazer e a sua procura? – 95% responderam que sim, sendo que destes, 84,16% enquadraram-se na categoria A e 15,78% na categoria B.

CATEGORIAS		NÚMERO DE RESPOSTAS 19
------------	--	------------------------

		(95%)
A	Poder aquisitivo proporcionando diferentes acessos (influência do sistema). Idem e diferenças de acesso por questões culturais. Maior poder aquisitivo proporcionando maior diversidade de lazeres.	16 (84,16%)
B	Através dos recursos financeiros investidos no lazer e projetos sociais que ofereçam lazer.	3 (15,78%)

Na questão 5 - Acredita que o lazer pode influenciar o contexto sócio-econômico? -, 90% responderam que sim. Destas, foram enquadradas na categoria A 61,05% das respostas, na categoria B 27,75% e na categoria C 11,1%.

CATEGORIAS		NÚMERO DE RESPOSTAS 18 (90%)
A	Através do enriquecimento cultural	11 (61,05%)
B	Lazer se tornando ou gerando um trabalho remunerado; Com aumento nas relações sociais; Lazer livrando indivíduo do estresse, aumentando o rendimento no trabalho. Através da preparação de futuros atletas.	5 (27,75%)
C	Outros	2 (11,1%)

Na questão 6 - O Senhor (a) estrutura suas atividades de lazer em objetivos pré-determinados? – 75% responderam que sim. Destes, 73,26% das respostas foram enquadradas na categoria A, 13,32% na categoria B e 13,32% na categoria C.

CATEGORIAS		NÚMERO DE RESPOSTAS 15 (75%)
A	Objetivos traçados de acordo com o grupo a ser trabalhado; Objetivos que favoreçam o enriquecimento cultural; Objetivos relacionados ao prazer, ao bem-estar, à qualidade de vida e ao desenvolvimento pessoal.	11 (73,26%)
B	Melhoria do rendimento; Objetivos com alcance facilitado pelo prazer.	2 (13,32%)
C	Outros	2 (13,32%)

Na questão 7 - O Senhor (a) conhece os contextos sócio-econômicos envolvidos na evolução do termo lazer? – 40% responderam que sim. Destes, 25% das respostas foram enquadradas na categoria A e 75% na categoria B.

CATEGORIAS		NÚMERO DE RESPOSTAS 8 (40%)
A	Citaram a revolução industrial; o aumento do tempo livre; lazer para permitir maior consumo; migração para as áreas urbanas.	2 (25%)
B	Outros	6 (75%)

Na questão 8 - Todas as pessoas deveriam se envolver em atividades de lazer? – 100% responderam que sim. Destes, 55% das respostas foram enquadradas na categoria A, 35% na categoria B e 10% na categoria C.

CATEGORIAS		NÚMERO DE RESPOSTAS 20 (100%)
A	Devido ao lazer oferecer influência positiva na auto-estima e motivação; Aumento da capacidade de produzir; Por ocupar o tempo livre; Influenciar o nível sociocultural; Diminuir o estresse (através do prazer)	11 (55%)
B	Propiciar diversão, permissão para atuar, prazer. Entretenimento, satisfação, desenvolvimento. Propiciar momentos de harmonia e equilíbrio Propiciar bem-estar e vida saudável Influenciar positivamente aspectos como educação, afetividade e política. Por fazer parte da vida do ser humano	7 (35%)
C	Outros	2 (10%)

Na questão 9 - O Senhor (a) vê algum valor filosófico agregado ao lazer? – 60% responderam que sim. Destes, 83,3% das respostas foram enquadradas na categoria A e 16,66% na categoria B.

CATEGORIAS		NÚMERO DE RESPOSTAS 12 (60%)
A	Suscitar pensamentos e reflexões; Ócio, prazer, tempo livre como correntes filosóficas; agir modificando as práxis das sociedades. Melhoria do ser humano diante de possibilidades, como a diversão. Filosofia de vida (com o desprendimento do cotidiano).	10 (83,3%)
B	Outros	2 (16,66%)

Na questão 10 - Acredita que o lazer pode influenciar na construção da subjetividade do indivíduo? – 100% responderam que sim. Destes, 60% das respostas foram enquadradas na categoria A, 20% na categoria B e 20% na categoria C.

CATEGORIAS		NÚMERO DE RESPOSTAS 20 (100%)
A	Adquirindo novos conhecimentos; Suscitando reflexões em relação ao papel do indivíduo na sociedade; Aumento na capacidade de criticar; Influência na criatividade e na construção do indivíduo; Autoconhecimento e prazer como fatores de desenvolvimento.	12 (60%)
B	Melhorando a auto-estima e a motivação; Elevando a capacidade de produzir; Diminuindo o estresse.	4 (20%)
C	Outros	4 (20%)

Considerações Finais

O referencial teórico observado no presente trabalho indica que existe uma possibilidade de observação do lazer sob uma perspectiva filosófica, tendo em vista que aspectos considerados como inerentes ao lazer, tal qual o descanso, o desenvolvimento e o divertimento já terem sido analisados dentro da própria Filosofia.

No que diz respeito à representação do conceito de lazer pelos profissionais de Educação Física, 55% dos participantes conceituaram lazer como atividades prazerosas, autônomas, sem impedimentos de ordem temporal, que proporcionem descanso, entretenimento e que se relacionam à qualidade de vida e a harmonia, e 25% definiram que lazer está ligado à ocupação do tempo livre, sem nenhum tipo de obrigação, e atividades fora da rotina de trabalho.

Do total de participantes 55% disseram que estruturariam as atividades de lazer a serem ministradas aos seus alunos com objetivos que favoreçam o enriquecimento cultural, Objetivos relacionados ao prazer, ao bem-estar, à qualidade de vida e ao desenvolvimento pessoal, e 10% fariam tal estruturação visando à melhoria do rendimento ou objetivos que fossem alcançados mais facilmente através do prazer contido na prática das atividades.

Na possível relação entre lazer e contexto sócio-econômico, 15% dos participantes apontaram a origem etimológica do lazer como advinda da palavra latina *licere*, da idéia de permissão e como termo proveniente das modificações econômicas e sociais causadas pela Revolução Industrial.

Ainda sobre a relação citada do parágrafo anterior, 10% do total de entrevistados apontaram como contextos sócio-econômicos envolvidos na evolução do termo lazer a revolução industrial, o aumento do tempo livre, o aparecimento do lazer para permitir maior consumo e a migração para as áreas urbanas. Dentre os 20 profissionais entrevistados, 80% disseram acreditar que o contexto sócio-econômico pode influenciar na

forma de lazer e na sua procura, com acessos diferentes e maior diversidade de lazeres proporcionados pelo poder aquisitivo e 55% crêem que o lazer tem possibilidade de influenciar o referido contexto através do enriquecimento cultural que pode proporcionar, sendo que 25% disseram que esta influência pode se dar com o lazer se tornando ou gerando um trabalho remunerado, com aumento nas relações sociais, livrando indivíduo do estresse ou aumentando o rendimento no trabalho.

Em relação aos possíveis valores filosóficos agregados ao lazer, 50% dos participantes afirmaram que, em suas opiniões eles podem existir, como no fato do lazer poder suscitar pensamentos e reflexões, vendo o ócio, o prazer e o tempo livre como correntes filosóficas, agindo nas práxis das sociedades e na melhoria do ser humano diante de outras possibilidades, como a diversão, e também apontando o lazer como uma filosofia de vida, através do desprendimento do cotidiano.

No que tange a possível influência do lazer na construção da subjetividade do indivíduo, 60% das respostas afirmaram que isto pode se dar adquirindo novos conhecimentos, promovendo influência em relação ao papel do indivíduo na sociedade e na sua criatividade, com o aumento na capacidade de criticar e apontando o autoconhecimento e o prazer como fatores de desenvolvimento. Dos 20 participantes, 20% apontaram como possível influência na construção da subjetividade a melhora da auto-estima e da motivação, a elevação da capacidade de produzir e a diminuição do estresse. Do total de respostas, 55% afirmaram que todas as pessoas deveriam se envolver em atividades de lazer, pois este ofereceria influência positiva na auto-estima e na motivação, por apresentar a possibilidade de aumento da capacidade de produzir, por ocupar o tempo livre e influenciar o nível sociocultural, além de diminuir o estresse através do prazer, e 35% firmaram opinião no sentido de que tal influência se dará devido ao lazer propiciar

diversão, permissão para atuar, prazer, entretenimento, satisfação, desenvolvimento, momentos de harmonia e equilíbrio, bem-estar e vida saudável, por influenciar positivamente aspectos como educação, afetividade e política.

Dentre os 20 participantes, 75% disseram acreditar que o lazer oferece possibilidades de desenvolvimento cultural, educacional, social e pessoal através de atividades culturais, com divertimento e prazer, ou que proporcionem harmonia e equilíbrio entre as dimensões do homem. Do total de participantes, 20% afirmaram acreditar nas mesmas possibilidades, porém através de projetos sociais, políticas públicas e atividades dirigidas e 5% através da reestruturação frente ao estresse profissional e cotidiano.

Na entrevista concedida para a confecção do presente trabalho, o autor Luiz Octávio de Lima Camargo ressaltou que o conceito de lazer refere-se a um fato moderno, que se deu ao longo da Revolução Industrial. Anteriormente a isto o que vigorava era a ludicidade cotidiana controlada pela família e pelo culto, prática esta que foi reelaborada pela modernidade, com a criação do tempo livre e do uso desse tempo pelo indivíduo, basicamente com o descanso, o desenvolvimento e o divertimento.

Também foi assinalado que as noções de liberdade e de transgressão podem ser tidas como valores filosóficos agregados ao lazer.

O autor viu como possibilidades de desenvolvimento político, social, cultural e educacional a liberdade para dizer não ao consumo, considerado como forma de adestramento a que a civilização sujeita o indivíduo contemporâneo, a capacidade de inventar, transgredindo dentro do que culturalmente pode ser traduzido como uma inovação.

O autor Victor Melo também fez referência, em sua entrevista, aos aspectos do surgimento do termo lazer em decorrência do modelo de produção fabril, quando da

Revolução Industrial, e do consumo como fator influenciador da sociedade, acrescentando que devido à nova ordenação do mundo do trabalho, com a diminuição do número de indústrias tradicionais e o surgimento de novas experiências de trabalhos domésticos decorrente de novas estruturas do tempo de trabalho, há a hipótese de que se tenha que redefinir o conceito de lazer frente a este conjunto de mudanças.

No que diz respeito aos possíveis valores filosóficos agregados ao lazer foi dito que este sempre apresenta, sim, valores agregados, mas que o lazer é um fenômeno historicamente situado, apresentando uma expressão das tensões que se estabelecem num ordenamento social, não guardando em si uma potencialidade, pois são suas ocorrências históricas e formas de vivência que determinam os valores a ele agregados. Diante disto, foi afirmado que, em não existindo uma essencialidade do fenômeno, e sim construções históricas que o permeiam, será o olhar do profissional que irá determinar a forma de se tratar e abordar o lazer.

Outro ponto que pode ser observado, de acordo com o exposto pelo autor, é que ainda há um amplo leque de possibilidades que podem vir a ser exploradas nas intervenções feitas no campo do lazer.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. In: _____. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1996.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. O difícil conceito do Lazer. In: MELO, V. A. (Org). *O exercício reflexivo do movimento*. Rio de Janeiro: Shape, 2006.

_____. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia Científica*. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia>>. Acesso em: 04 nov. 2006.

DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DUFLO, Colas. *O jogo: de Pascal a Schiller*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. *Recreação e lazer como integrantes de currículos de cursos de Graduação em Educação Física*. 2002. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2002.

JIMENEZ GUZMAN, L. F. *Teoria Turística*. Bogotá: Universidade Autônoma de Colômbia, 1986.

KOOGAN, Abraão; HOUAISS, Antônio. Verbetes: jogo. In: *Enciclopédia e Dicionário ilustrado*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.

MAFFEI JUNIOR, João. *Valores, lazer e recreação na sociedade contemporânea*. 2004. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

MARCELLINO, Nelson de Carvalho. *Estudos do Lazer*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MELO, V. A.; ALVES JR., E. D. *Introdução ao lazer*. São Paulo: Manole, 2003, p.1.

MELO, V. A. de. LAZER, ANIMAÇÃO CULTURAL E ESTUDOS CULTURAIS/UFRJ. www.lazer.eefd.ufrj.br, 2006. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/docs/apresenta.html>>. Acesso em: 05 nov. 2006.

PILLETI, C. *Didática Geral*. São Paulo: Ática, 2003.

REQUIXA, Renato. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977. 111 p.

VAZ, L. G. D. *O profissional de turismo e lazer*. Disponível em:
<http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 02 nov. 2006.

_____. O profissional de turismo e lazer. *Lecturas educacion física y deportes*, Buenos Aires, v. 65, 2003.

WERNECK, C.L.G., MELO, V.A. de. *Os estudos sobre o lazer no Brasil*. LAZER, ANIMAÇÃO CULTURAL E ESTUDOS CULTURAIS/UFRJ. www.lazer.eefd.ufrj.br, 2006. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/docs/apresenta.html>>. Acesso em: 05 nov. 2006.

Endereço do Autor:

Renato Farjalla
Avenida Barão do Rio Branco,1556,
Centro Petrópolis – RJ
Cep:25680150.
Endereço Eletrônico: rfarjalla1@ig.com.br/ renatofarjalla@gmail.com